

## **Entrevista a la Dra. Ana Maria Colling**

Entrevista: *Beatriz Angelini*<sup>1</sup>

Ana Maria Colling es Doctora em Historia especialista em Historia de Género. Trabaja en UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados). Como Profesora Visitante Sênior por CAPES (Centro) y actualmente como profesora permanente del Programa de Pós-graduação em História. También participa del LEGHI (Laboratório de Estudos de Gênero, História e Interculturalidade) e investigadora em la Cátedra da UNESCO (Diversidade Cultural, Gênero e Fronteiras).

### **Entrevista a Ana**

**¿Qué recorrido formativo y académico has realizado? ¿ En qué universidades has trabajado?**

Cursei Estudos Sociais e Geografia na UNIJUI (Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul). Universidade comunitária do interior do RGS.

A nível de pós-graduação: Especialização na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)- História da América Latina;

Mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em História. Dissertação: "Choram Marias e Clarices. Uma questão de gênero na Ditadura Militar do Brasil";

Doutorado na PUCRS (Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) em História. Tese: "A construção da cidadania da mulher brasileira. Igualdade e diferença".

Estágio Doutoral em Coimbra, Portugal, sob a orientação de Irene Vaquinhas.

---

1- Profesora Adjunta Efectiva de Didáctica de los Procesos Históricos, UNRC.

Fui professora da rede pública do Rio Grande do Sul lecionando História e Geografia no ensino fundamental e médio;

Dirigente do CPERS- Sindicato de professores da rede pública do RGS;

Durante 30 anos trabalhei na UNIJUI dando aulas no curso de História e no mestrado em Educação nas Ciências. Neste mestrado, marquei minha atuação em disciplinas e orientações sobre gênero, Michel Foucault e Estudos Culturais.

Na Universidade UNILASALLE participei da equipe que construiu o mestrado em Educação, aulas e orientações, além de dar aulas e orientar trabalhos de conclusão de curso na História. Como na UNIJUI lecionei Gênero, Estudos Culturais e Michel Foucault e Educação.

Desde 2012 trabalho na UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados). Inicialmente como Professora Visitante Sênior pela CAPES (Centro) e atualmente como professora permanente do Programa de Pós-graduação em História.

Na UFGD participo do LEGHI (Laboratório de Estudos de Gênero, História e Interculturalidade) e pesquisadora junto à Cátedra da UNESCO (Diversidade Cultural, Gênero e Fronteiras).

Considerações pessoais: Ser professora do ensino fundamental e médio em escolas públicas do Rio Grande do Sul, marcou minha trajetória profissional. Não somente pela sua importância, mas como experiência para ao ensino superior. Saber olhar os pequenos da periferia sem preconceitos e com carinho, me possibilitou olhar os alunos e alunas adultos das faculdades também sem pré-juízos assim como as diversas correntes teóricas no campo da História. Ainda hoje quando encontro homens e mulheres, agora adultos, me chamando carinhosamente de minha professora inesquecível, sinto que valeu a pena.

Minha militância sindical e política também me construiu como uma mulher situada politicamente no campo progressista e de esquerda. Isso faz toda diferença para uma historiadora.

Entre minhas publicações, destaco 4 obras publicadas em tempos diferenciados: A Resistência da mulher à ditadura militar no Brasil; Tempos diferentes discursos iguais: a construção histórica do corpo

feminino; Mulheres Kaiowá e Guaraí – Expressões, e, a organização do Dicionário Crítico de gênero que reúne 137 autores de várias partes do mundo (também da Argentina) escrevendo 148 verbetes.

**¿Por qué eligió estudiar historia? ¿Cuál o cuáles fueron las motivaciones que te llevaron a especializarte en historia de género?**

Em minha opinião, juntamente com a Filosofia, História é um dos mais importantes cursos acadêmicos. Defendo que todos os cursos deveriam ter disciplinas de História. Não consigo entender como os cursos de Direito não possuem aulas de história com professores de história. Como entender as leis, os códigos, etc, sem analisar o processo histórico em que elas foram criadas ou abolidas, por exemplo. Como a Medicina não possui aulas de História, para analisar o processo desta área historicamente? E assim por diante.

Para minha tristeza assisto no Brasil, alunos e alunas do ensino médio detestarem História. Aqueles que optam pelo curso na universidade se apaixonam. Algo errado está acontecendo com o ensino de História no ensino fundamental e médio.

Quanto aos estudos de gênero, ao chegar no mestrado em 1990, me deparo com um texto que foi um divisor de águas em minhas pesquisas: *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros* de Michelle Perrot, recém lançado no Brasil (1988). O já clássico texto de Joan Scott - *Gênero uma categoria útil de análise histórica*, também é publicado em 1990 no Brasil. Além disso, pela primeira vez tive acesso às obras de Michel Foucault, filósofo/historiador tão importante para a história das mulheres e das relações de gênero. A partir daí, nunca mais abandonei os estudos sobre a história das mulheres e das relações de gênero e, para minha alegria, encaminhei e tenho encaminhado muitos alunos e alunas para estas mesmas pesquisas. Tenho participado de bancas de mestrado e doutorado cujas ex alunas defendem seus trabalhos nesta linha teórica.

Para uma professora e também militante destas questões é motivo de extrema felicidade poder compartilhar a importância destes estudos.

**Sobre la enseñanza de la historia y en particular la historia de género: ¿Ha incursionado en la enseñanza de la historia de género en particular y en qué otro campo de la disciplina?**

Michel Foucault, tem sido, teóricamente, a principal ferramenta nos estudos de gênero. Sua ruptura epistemológica no campo do poder é fundamental para o entendimento da construção de sujeitos que estavam subsumidos na historiografia. Por outro lado, suas propostas de subjetivação são fundamentais para o entendimento da história das mulheres. As mais importantes historiadoras que pesquisam mulheres e gênero utilizam os pressupostos teóricos de Michel Foucault. Também para quem trabalha com masculinidades, Foucault é fundamental, como é o caso do historiador brasileiro Durval Muniz de Albuquerque Jr., e tantos outros.

Onde trabalhei e trabalho (UNIJUI, UNILASALLE e UFGD) tenho ministrado disciplina sobre Michel Foucault e História. O interessante é que as salas aulas estão sempre lotadas e, com alunos e alunas dos mais diversos cursos universitários. Como é um autor difícil para quem inicia suas leituras, considero fundamental apresentá-lo com seus conceitos mais importantes. Também tenho ministrado por onde passei e onde estou, aulas sobre Estudos de Gênero e Estudos Culturais, ambos embasados nos mesmos teóricos.

Paralelamente às aulas sobre história das mulheres e de gênero, ministro palestras em escolas, sindicatos, universidades, etc. Encaro isso como meu compromisso social como professora universitária e pesquisadora desta temática tão importante.

**Desde sus experiencias como investigadora en el campo de la historia de género: ¿Qué temas/problemas ocuparon y ocupan un lugar importante en sus permanentes reflexiones?**

Tenho trabalhado bastante sobre a questão do corpo feminino. Muitas

mulheres desconhecem a história de seu corpo. Mas o motivo que mais me movimenta nestas palestras é abordar a violência contra as mulheres. Chaga mundial, acirrada em países latinos, tem uma raiz histórica e precisamos falar sobre ela. A naturalização da violência, assim como a cultura do estupro nos assusta profundamente.

Também sob o enfoque da história das mulheres e de gênero tenho escrito muitos textos em revistas de diversas áreas do conhecimento.

Os cursos de História, em particular, deveriam obrigatoriamente tratar da história das mulheres. No caso brasileiro, o retrocesso político não se dá somente com o impeachment de Dilma Rousseff, primeira presidenta mulher do Brasil, mas a retirada de tudo aquilo que poderia representar um avanço. A questão da ideologia de Gênero e Escola sem Partido, tem dominado os debates. A retirada da proposta de estudos de gênero dos planos de educação, a questão da descriminalização do aborto, tudo que envolve sexualidade, etc, tem recebido apoio de homens e mulheres. Talvez como resposta a este conservadorismo político, onde as diversas igrejas com bancadas no Congresso Nacional, ditam a moral brasileira, nunca se publicou tanto sobre mulheres e gênero como na atualidade.

Pessoalmente, tivemos uma vitória, nestes tempos conturbados em que vive o Brasil. No final de 2016 o *Dicionário Crítico de Gênero* organizado por mim e pelo prof. Losandro Tedeschi, recebeu o prêmio em Ciências Humanas pela ABEU (Associação Brasileira de Editoras Universitárias).

### **¿Qué desafíos crees que se plantean en la enseñanza de historia de género en Brasil en los diferentes contextos educativos?**

Em minha opinião, a escola, em todos os seus níveis, é um lugar privilegiado para mudanças. Se ela pode ser um espaço de demarcação dos gêneros e também de preconceitos, é o lugar para que possamos avançar nas questões de igualdade. Defendo que os cursos de Pedagogia, que formam professoras para as escolas primárias e secundárias tenham obrigatoriamente em seus currículos as questões de gênero. O curso de História não pode ficar alheio a estes debates. Seu currículo deveria

abranger a história das mulheres e das questões de gênero.

Os currículos de história desconsideram a presença feminina como se a história fosse feita somente pelos homens. Esta dívida a História possui para com as mulheres. Se defendemos democracia e relações igualitárias entre todos, a História é um dos caminhos. Os livros didáticos devem avançar, além dos pequenos quadros onde aparecem as mulheres e os demais sujeitos esquecidos na narrativa histórica. Necessitam ser incorporados nesta narrativa. A escola, em todos seus níveis, é um espaço para estas mudanças.

**Teniendo en cuenta sus amplios desempeños en la formación de formadores para la enseñanza de la historia género: ¿Qué cree que dejan o le han aportado al campo de la enseñanza y la investigación de la historia?**

Como desejar que alunos e alunas tenham uma compreensão da relação desigual entre os sexos, se seus professores e professoras não tem, e muitas vezes não desejam ter esta compreensão? Como desejar que alunos e alunas heterossexuais não desrespeitem as demais sexualidades, se seus professores e professoras fazem muitas vezes piadas grotescas sobre elas? Violência de gênero, piadas sobre sexualidades, não é bullying, como muitos desejam, mas violência sexual.

Defendo que todos os cursos formadores de professores tenham em seu currículo as relações de gênero. Os cursos de História seriam um campo privilegiado para discutir estas questões. Pierre Bourdieu diz em um pequeno texto seu que é preciso descolonizar o feminino, pois as mulheres possuem uma visão colonizada de si mesmas, se enxergando com os olhos de quem as nomeou e contou. Faço aqui uma paráfrase: é preciso descolonizar a narrativa histórica. Incluir em seus relatos não somente os homens que sempre contaram sobre si e sobre todos os outros e outras, todos os sujeitos históricos. É necessário humanizar a história.

**¿Qué cree que debería saber hoy un/a docente que comienza a**

**transitar la profesión de la enseñanza de la historia en términos generales? (pensando puntualmente tanto en el recién egresado como profesor de historia como también en la joven generación de profesores que se están dedicando al campo de la formación ya sea como investigadores o como formador/a de formadores/as).**

Em minha opinião como professora e pesquisadora, os novos s professores e e professoras deveriam se encantar pela história, e, a partir daí constatar o quanto esta disciplina serviu e serve para somente uma parcela de sujeitos – homens, heterossexuais, brancos e ricos. A partir desta constatação, que a história é parcial, incluir em sala de aula, e nos livros didáticos, os sujeitos excluídos. Sem que professores e professoras, antigos ou novos, se dêem conta de que a História serviu e serve para somente uma parcela da população, não podemos esperar que ensinem aos seus alunos e alunas algo diferente. A formação continuada de professores pode ser uma alternativa para o despertar das possibilidades do relato histórico, da libertação da história destas amarras únicas.

Em tempos de Ideologia de Gênero e de Escola sem Partido (em ambos o tema central é a sexualidade) precisamos lutar, resistir e continuar. Acredito que a educação é um lugar para isso.